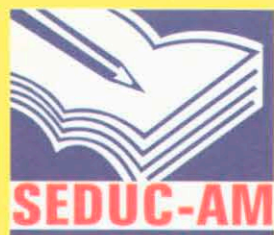


OS SATERÉ-MAWÉ E A ARTE DE CONSTRUIR



GOVERNO DO AMAZONAS - SEDUC - IER/AM



ACERVO MARI

MDI 196

*OS
SATERÉ-MAWÉ
E A ARTE
DE CONSTRUIR*

BIBLIOTECA DO MARI
GRUPO DE EDUCAÇÃO INDIGENA
Nº TOMBO 140

**MANAUS - AMAZONAS
1998**

Governador do Estado do Amazonas
Amazonino Armando Mendes

Secretário de Estado da Educação e Desportos
Darcy Humberto Michiles

Diretora Presidente do IER-AM
Francisca Matos

Coordenação do Programa de Educação Escolar Indígena / AM
Valdecíria Matos Gomes

Gerente Pedagógica
Arlene Silva Oliveira Bonfim

Assessora Técnica
Ozenete Aguiar De Mozzi

Docentes

Ana Maria Cardelli Leite, Ângela Maria Gomes Simões
Clóvis Fernando Palmeira Oliveira, Dulce Franceschini
Inafran da Silva Bastos, João Bosco Costa Pinto
Maria de Jesus Oliveira, Marilene Gomes de Melo
Rosilda Gonçalves Nunes, Sandra Dolores Oliveira dos Santos

Consultores Técnicos

Edmundo Antonio Peggion, Gilvan Müller de Oliveira
Marineusa Gazzetta

Desenho da Capa

Inácio Cristino da Silva

Organização / Diagramação / Digitação / Arte Final
Clóvis Fernando Palmeira Oliveira

AUTORES SATERÉ-MAWÉ

Brito Ferreira de Souza
Cristina Santos de Souza Sateré
Carmito Miquiles
Emílio da Silva Sateré
Gelson da Silva de Oliveira
Henrique Pereira
Horto de Castro
Ismael Ferreira de Souza
Lourenço dos Santos
Maurício Oliveira
Sidney Michiles Sateré

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Instituto de Educação Rural do Amazonas

S719 Souza, Brito Ferreira de.
Os Sateré-Mawé e a Arte de Construir / Brito
Ferreira de Souza...[et all].- Org. de Clóvis Fer-
nando Palmeira Oliveira. - Manaus: SEDUC /
IER-AM, 1998.
36 p., il.
1. Artesanato Indígena. 2. Literatura Indígena.
3. Educação Indígena. 3. Título.

CDU: 7.031.3

Todos os direitos reservados.

*Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, fotocopiada ou publicada,
sob qualquer forma, sem a autorização expressa dos índios Sateré-Mawé.*

<i>Artes na Fabricação de Artesanato</i>	07
<i>Peneira</i>	09
<i>Paneiro</i>	11
<i>Patawi Kui'a Pytyp</i>	12
<i>Panaku</i>	13
<i>Patrona</i>	14
<i>Pau-de-Chuva</i>	15
<i>Anel</i>	16
<i>Pilão</i>	17
<i>Tipiti</i>	19
<i>Banco</i>	20
<i>Urutu</i>	22
<i>Instrumentos Usados Para Pescar</i>	23
<i>Construção de Arco</i>	25
<i>Construção de Casa</i>	26
<i>Instrumentos Musicais</i>	31
<i>Construção de Casco</i>	32
<i>Luvras de Tucandeira</i>	34

ARTES NA FABRICAÇÃO DE ARTESANATO

Artesanato é uma arte de confeccionar ou demonstrar as artes através da pintura, tecêmes, esculturas em madeira, barros, fibras, fios, barbantes, colares de caroços, sementes pequenas, madeira e ossos de animais, etc.

O povo Sateré-Mawé demonstra a sua cultura através de suas artes.

Por esse motivo, os mais antigos passam os conhecimentos aos seus filhos, ensinando-lhes histórias, contos lendários, mitos e como fazer artesanato.

Os Sateré-Mawé, desde cedo, ou seja, desde a infância de seus filhos, explicam e ensinam como fazer artesanato e a importância de sua aprendizagem.

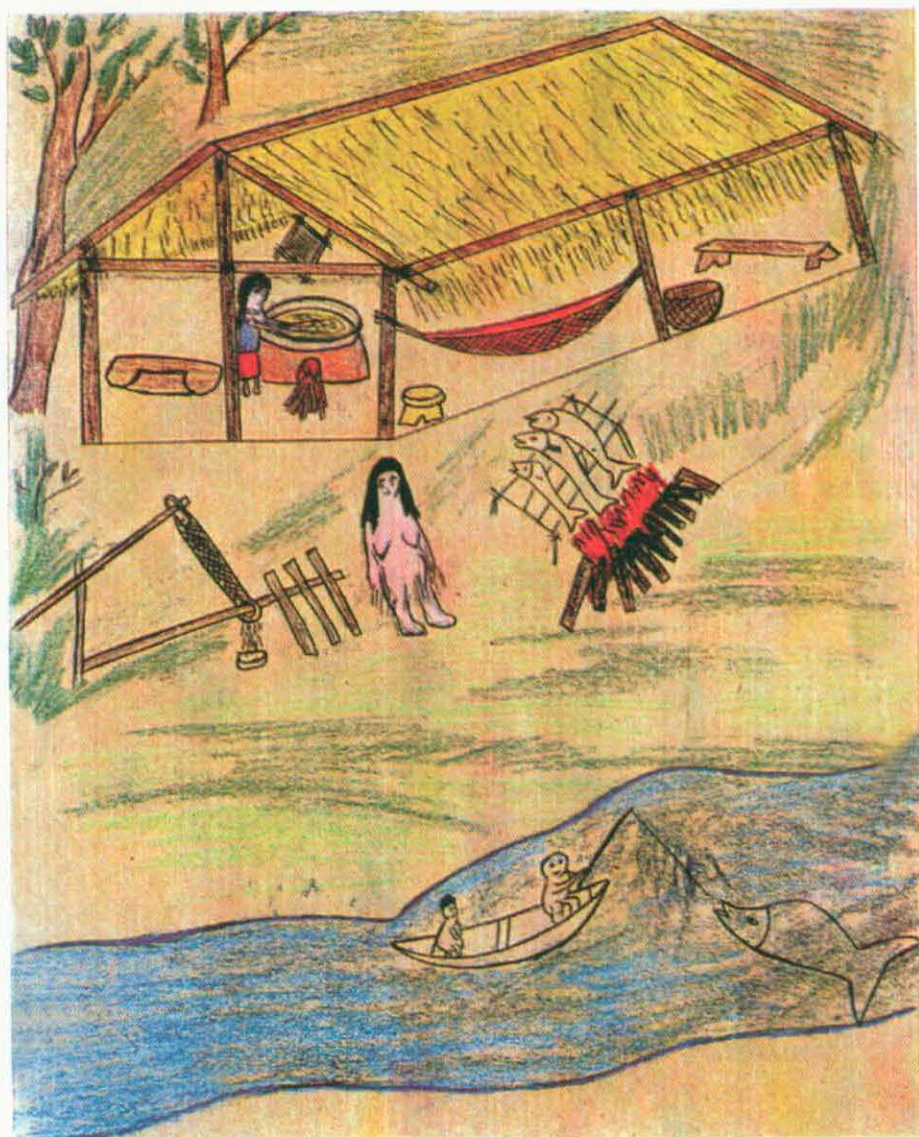
É recomendado pelas pessoas mais antigas, que se aprenda vários tipos de artesanatos, porque na vida prática haverá necessidade de possuí-los.



Pensando no futuro de seus filhos é recomendado que as meninas aprendam o preparo dos fios de algodão para a fabricação de *yni* (redes).

Tipos de redes: *yni tiğ* (redes pintadas),
sahu ape'i (casco de tatu), *mipyaira*, *yni tuk'a*.

Para os meninos é recomendado aprender a fazer: paneiro, peneira, tipiti, forno, *panaku*, flechas e outros tipos de artesanato, porque um dia eles têm de casar. E quando isso acontecer, eles mesmos terão que fazer, para não ter que pedir emprestado de alguém.



Só é recomendado casar com quem souber fazer tudo isso, para garantir o sustento de sua vida e o de sua família.
A vida no sítio é assim: a mulher assa os peixes, a mulher torra farinha no forno, o peixe está no fogo, o homem pesca com seu filho.

PENEIRA

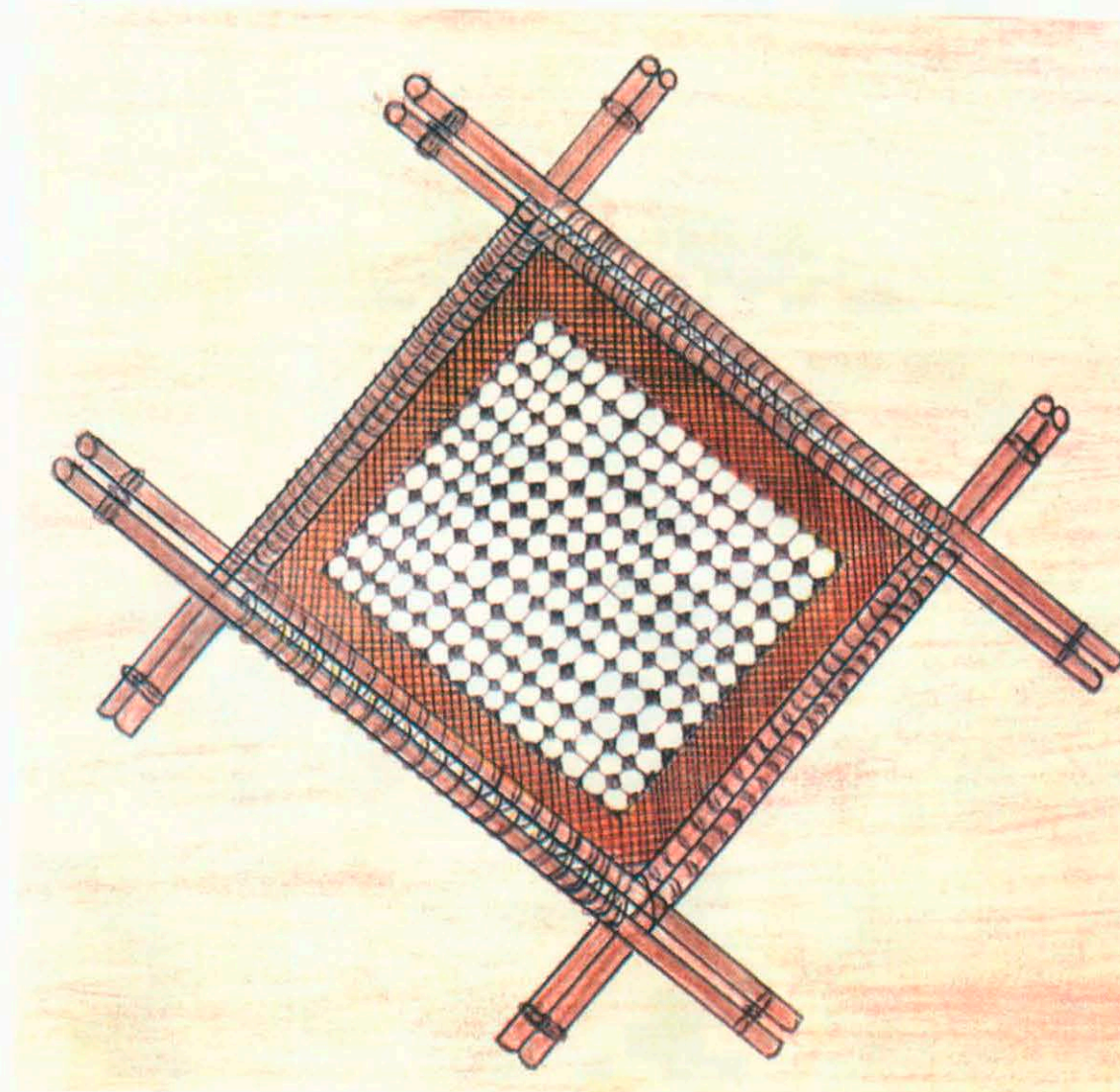
(*panane*)

A peneira é feita de um vegetal chamado *waruma* (arumã).

Esse vegetal é encontrado nas matas de terra firme.

Dele é extraído uma fibra que vai servir para fazer o teçume.

Para o teçume da peneira usamos vários tipos de técnicas, dependendo de sua utilidade: para peneirar a massa é um tipo de técnica, para fazer o beijú é outra técnica, para tirar a tapioca ou goma, é uma outra.

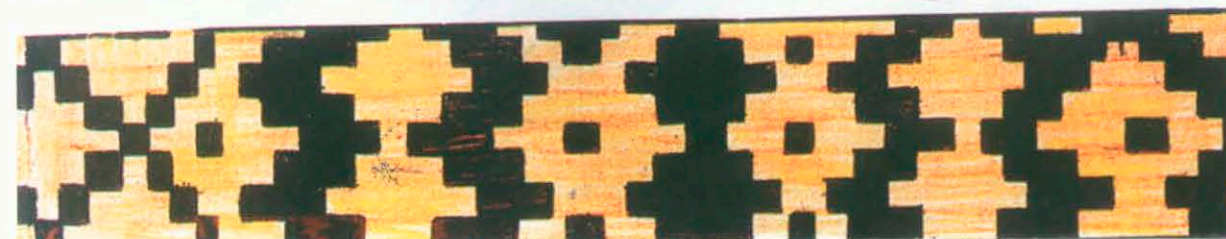
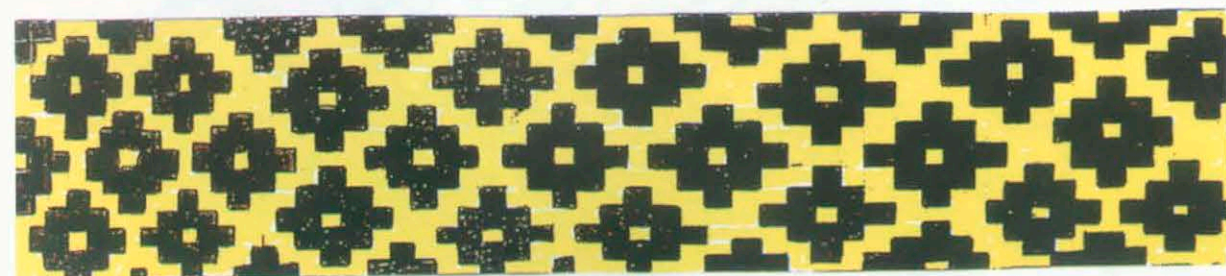
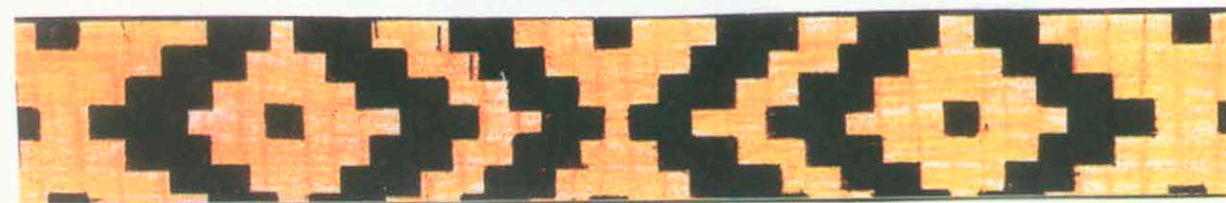
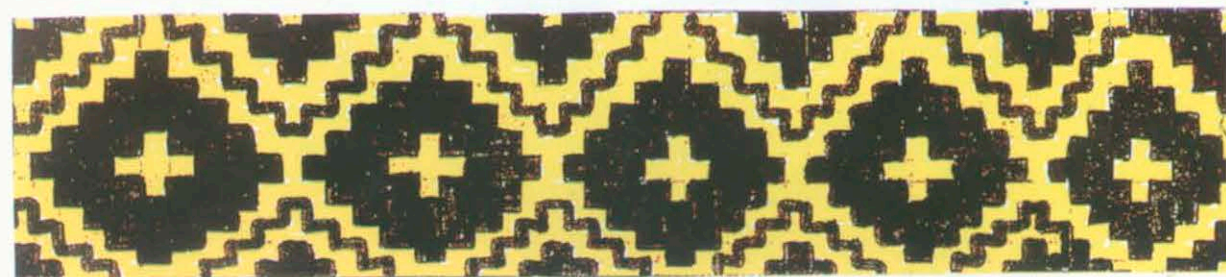
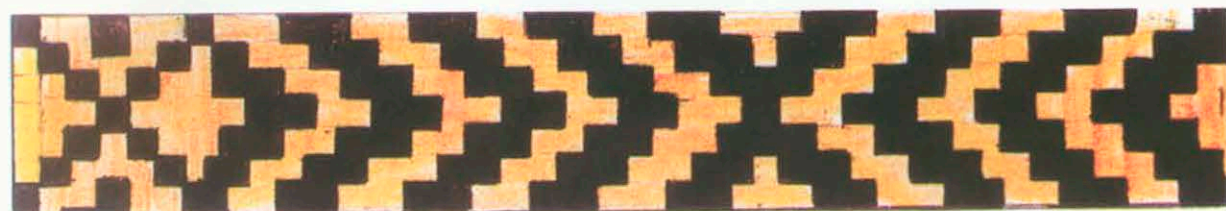


A peneira é usada no trabalho da mandioca, isto é, para peneirar a massa, tirar a tapioca e fazer o beijú.

Serve também para enfeitar as casas.

A peneira é utilizada tanto pelos índios, quanto pelos não-índios, para fazer os seus trabalhos domésticos.

tipos de desenhos usados no teçume de peneiras



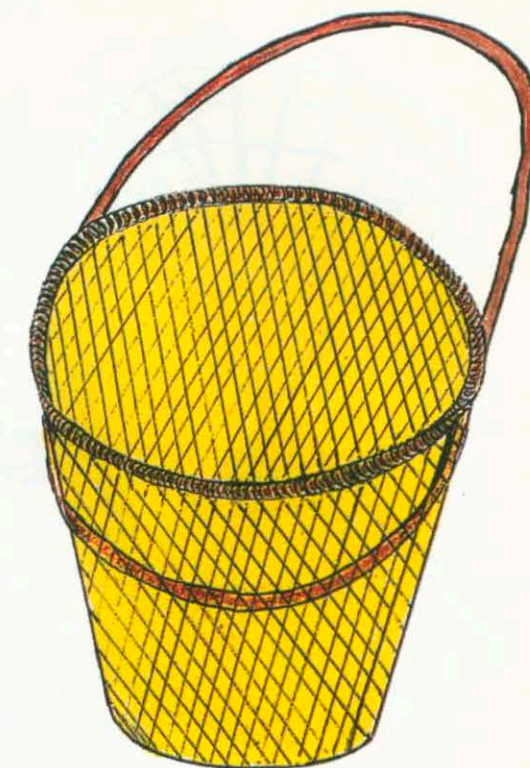
PANEIRO

(*y't'a*)

O paneiro é feito de ambé e cipó-açú. Para tecer o paneiro é preciso extrair o cipó-açú e o ambé nas matas de terra firme ou de várzea.

Para o teçume é preciso descascar o ambé e o cipó-açú, transformando-os em fibras. Depois de tiradas as fibras é que podemos começar a tecer o paneiro em tamanho grande ou pequeno.

O paneiro é um utensílio doméstico muito usado pelo povo Sateré-Mawé para carregar mandioca, milho, guaraná, açaí, laranja, castanha, peixes e etc. Serve também para lavar o guaraná. É mais usado pelas mulheres em seus serviços diários. Também fazemos o paneiro para comercializar ou trocar por outros produtos de nossa necessidade.



PATRONA

(*poko*)

Patrona ou *poko* é uma espécie de bolsa muito usada pelo povo Sateré-Mawé para guardar cartucho, esqueiro, tabaco, fósforo, balas de chumbo, um pouco de farinha e outros produtos, principalmente quando vai caçar. O *poko* é feito de um vegetal extraído das matas de terra firme chamado de *waruma*.

Com as fibras desse vegetal é que os índios Sateré-Mawé costumam fazer seu teçume.

Não há quem não tenha um *poko* guardado em sua casa.

O seu acabamento é feito com a fibra de jacitara.



PAU - DE - CHUVA

(*hiware*)

Para poder tecer o *hiware*, os Sateré-Mawé utilizam o caule da imbaúba, a tala de *waruma*, tinta preparada pela própria pessoa e madeira *molongó*, muito encontrada na nossa região.

A cor preta, que é usada para pintar as fibras de *waruma* e que origina os diferentes desenhos, é produzida a partir dos resíduos da fumaça da lamparina ou breu vegetal. Esses resíduos ou pó são misturados com o sumo da casca do ingazeiro do mato.

Essa mistura ou tinta é que dá brilho à fibra de *waruma*.

Para que o *hiware* produza barulho, é preciso colocar dentro dele, algumas talas do braço de ingazeiro, cruzando a parte interna do caule de imbaúba. São colocadas também algumas pedrinhas que quando tocam nas talas do ingazeiro imitam o barulho da chuva. O *hiware* serve para acompanhar ritmos musicais dos Sateré-Mawé. É também conhecido como pau-de-visagem.



ANEL

(*mo'ojampiat*)

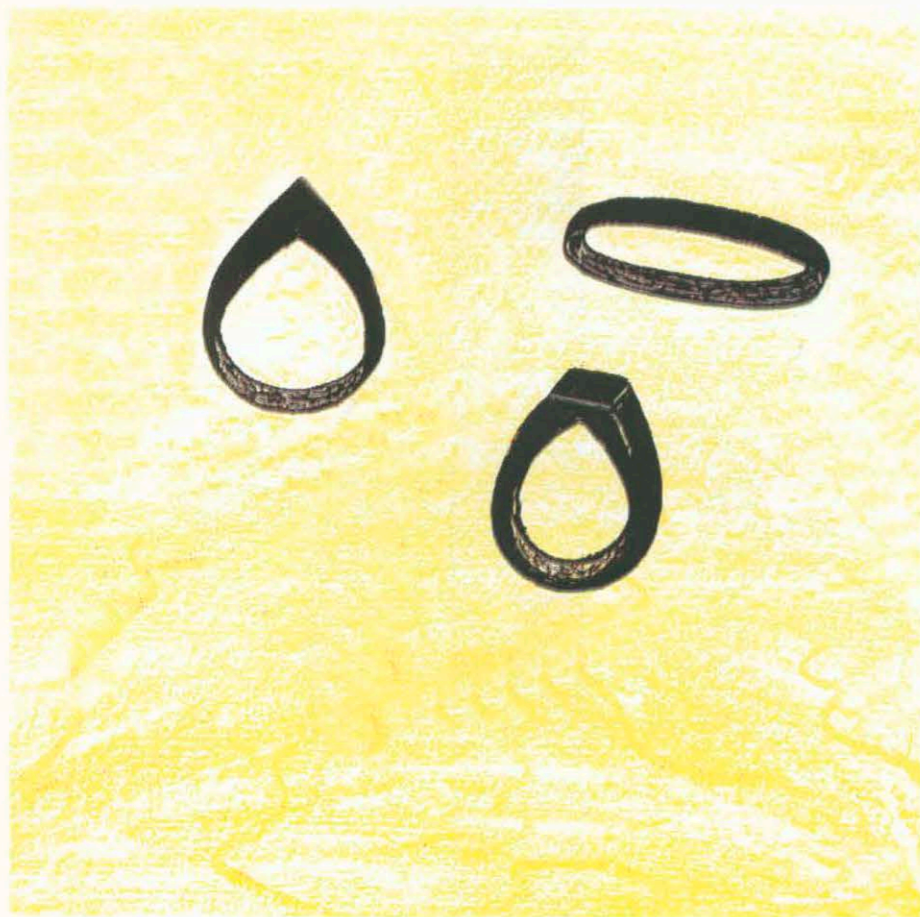
Para o Sateré-Mawé fazer o *mo'ojampiat*, ele precisa ir na mata de várzea ou de terra firme buscar sementes de jauari, tucumaí, inajá e muru-muru.

Com a ajuda do *kyse*, ele corta a semente em três partes.

A parte central é que é aproveitada para fazer o anel.

Após cortado, o *mo'ojampiat* é passado na pedra por alguns minutos, somente para tirar a casca e acertar os lados.

Em seguida, cava-se com o *kyse* e lixa-se com folha de imbaúba ou de *kaiğpe*, para poder ficar bem redondinho.



Para ficar bem polido, às vezes usamos pó de louça para dar maior brilho.

O *mo'ojampiat* é usado tanto pelos homens como pelas mulheres. Fazemos *mo'ojampiat* para vender ou trocar com outros produtos.

PILÃO

(*weğku'a*)

O *weğku'a* é feito de madeira extraída da mata.

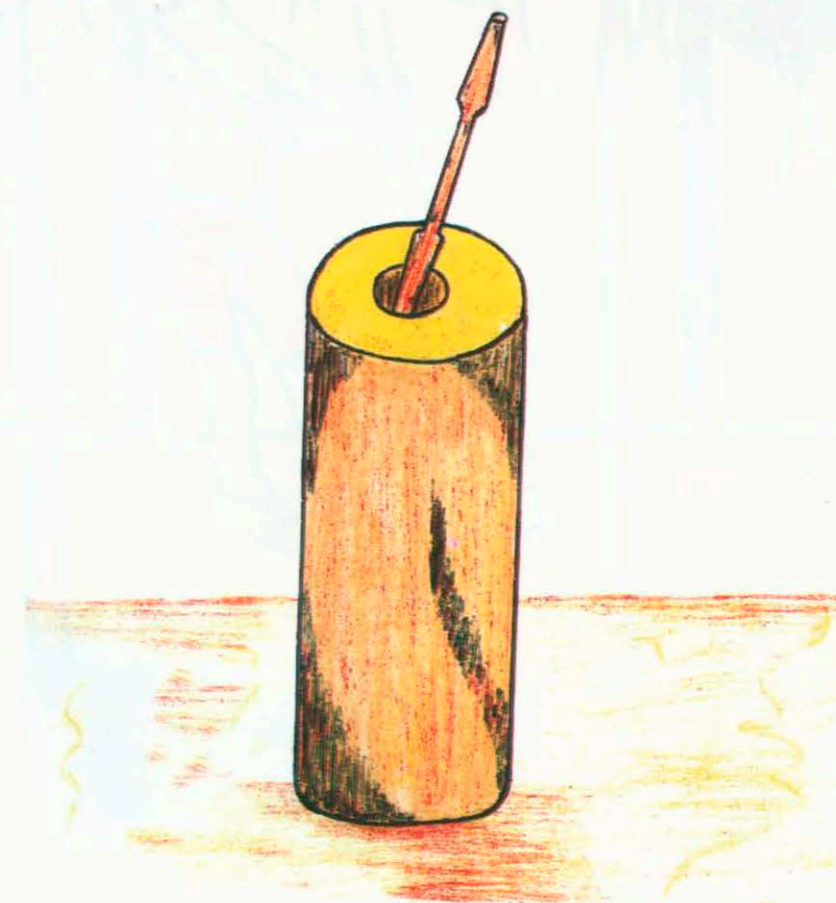
Pode ser madeira de copiúba, massaranduba, cumarú, etc.

Para fazer o *weğku'a*, corta-se a tora no tamanho de um metro de comprimento, aproximadamente.

Cava-se a parte central da madeira numa profundidade de quarenta e cinco centímetros.

Então, o *weğku'a*, estará pronto.

A marreta, usada para pilar os produtos, é feita com o âmago da madeira de preciosa.



O *weĩku'a* é muito usado pelo povo Sateré-Mawé para pilar guaraná, crueira, milho, arroz, açai jussara, etc.



TIPITI

(*mohoro*)

O tipiti é um utensílio que é usado para exprimir a massa da mandioca.

É feito de um vegetal extraído tanto da terra firme quanto da várzea. Para esse vegetal os Sateré-Mawé deram o nome de *waipopi* (jacitara).

Esse utensílio tem o formato de uma cobra.

Como usar:

Pegar o tipiti e encolher.

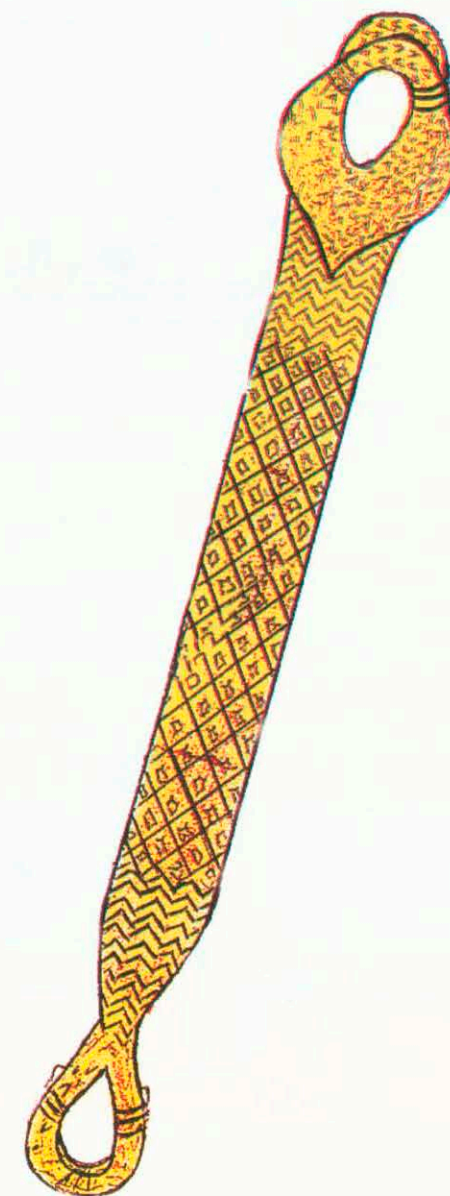
Depois colocar a massa até encher.

Em seguida, pendurar na ponta de uma vara, prendendo a outra ponta para baixo.

Coloca-se um peso na ponta da vara de baixo.

Depois de preso, passar um tempo de aproximadamente 30 minutos esticado para tirar o tucupi.

Em seguida tirar a massa do tipiti para ser peneirada e fazer a farinha.



BANCO

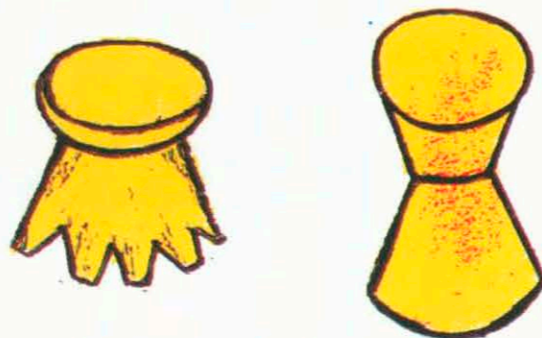
(*amyap*)

O banco é um utensílio doméstico encontrado na casa de qualquer família Sateré-Mawé.

Ele tem muitas utilidades.

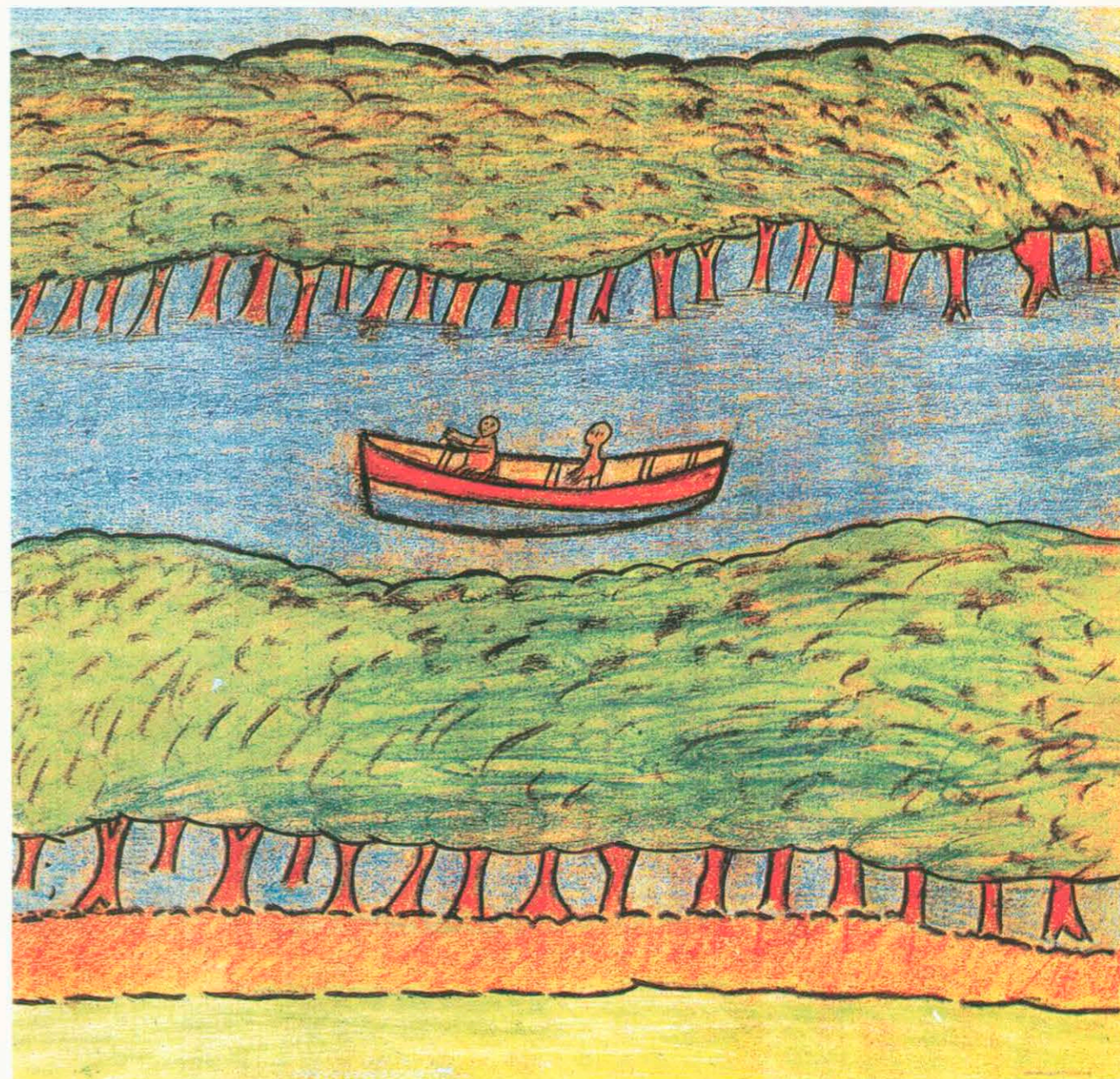
Serve de apoio para ralar *sapo*, descascar o guaraná, preparar o bastão, se esquentar na beira do fogo durante os momentos em que os Sateré-Mawé passam a relembrar e a recontar suas histórias, fazer teçumes como peneira, pano, tipiti, vassoura e outras atividades.

Os bancos são feitos de uma madeira de cor branca chamada *molongó*, encontrada em grande quantidade em quase toda extensão dos rios, igarapés e igapós de nossa região.



O povo Sateré-Mawé gosta de trabalhar com essa madeira porque é muito leve e mole para cortar. Por isso, na fabricação dos bancos, podemos dar qualquer forma a eles. E podem também ser carregados de um lugar para outro com maior facilidade, principalmente pelas crianças.

No desenho abaixo, árvores de *molongó*, ao longo do rio Marau.



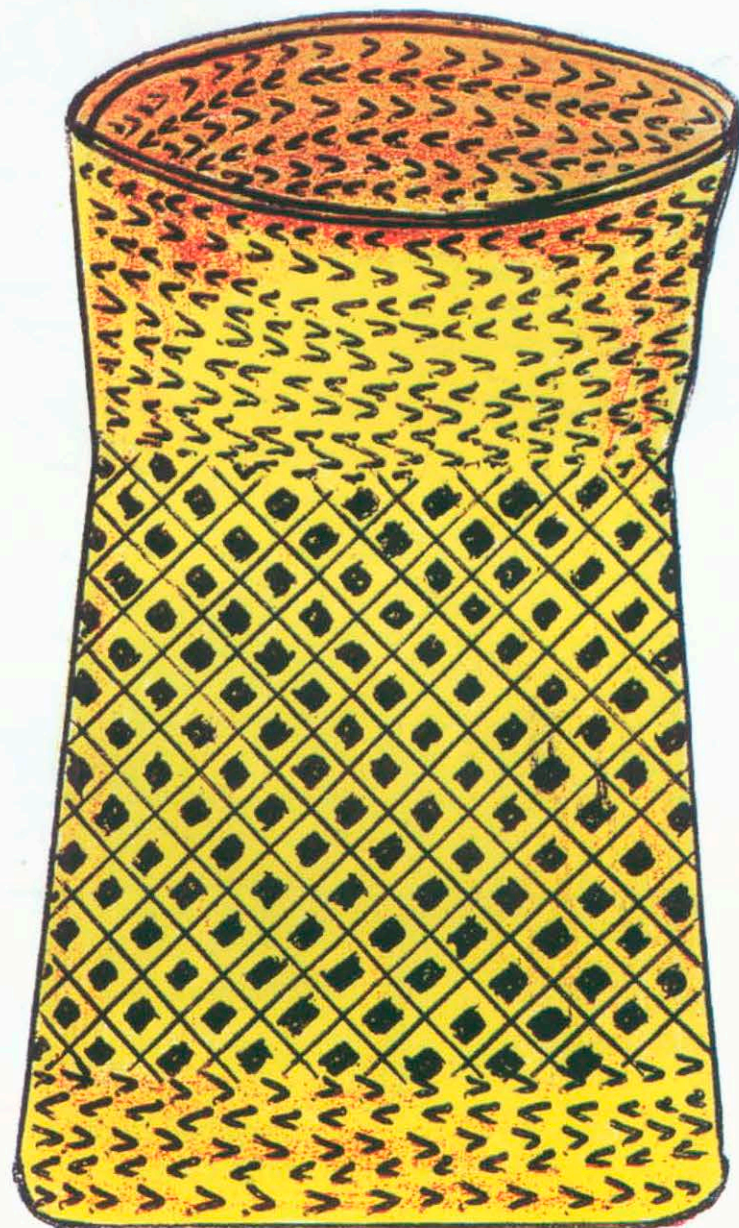
Além de servir para construção de bancos, o *molongó* também é usado para a fabricação de pequenas peças artesanais como cascos, remos e brinquedos para as crianças.

URUTU

O urutu é um utensílio usado pelos Sateré-Mawé para conduzir farinha das cozinhas distantes para as casas de morada, além de outras utilidades.

Seu teçume é feito com fibra de *waruma*.

Fazemos o urutu para comercializar ou trocar com outros produtos.



INSTRUMENTOS USADOS PARA PESCAR

Os materiais que nós Sateré-Mawé utilizamos para pescar são: o arco, a flecha, o anzol e a zagaia.

Fazemos o arco de *arawa* (pau-d'arco), que é madeira própria para fabricação de arcos.

Depois de pronto cortamos a imbaúba e tiramos a fibra para fazer a corda.

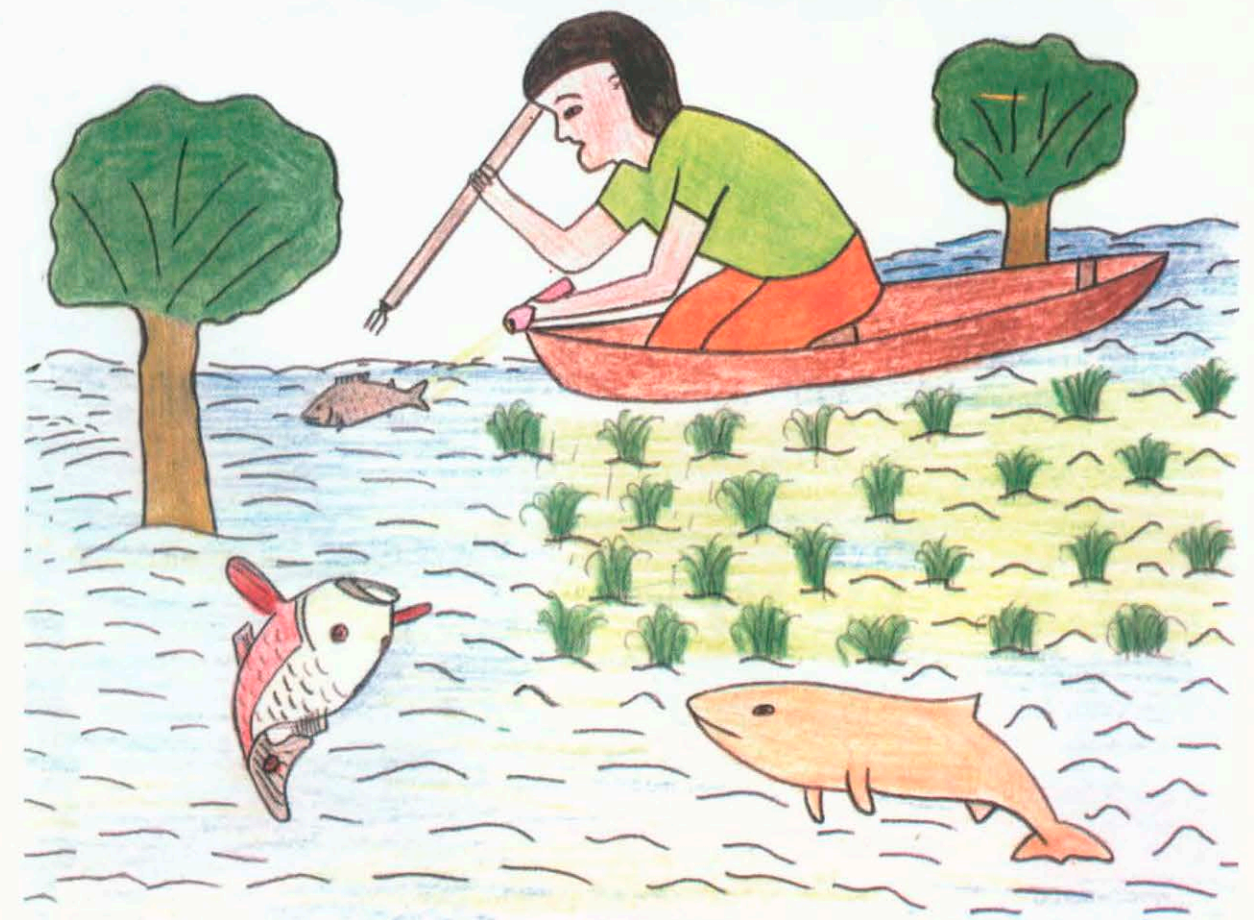
Depois de aprontar todo o arco, fazemos a flecha.

O bico da flecha é feito com âmago de pau-ferro e de ossos de animais.

A *gy'i* (taquara), que é um outro tipo de bico de flecha, é feito de taboca.

Para pescar utilizamos também flechas de bico de ferro e anzol com caniço.

Além desses materiais, usamos ainda na pescaria a canoa e o remo.



Utilização do arco, da flecha e da zagaia durante uma atividade de pesca no rio Urupadi, pelos Sateré-Mawé.



CONSTRUÇÃO DE ARCO

Os materiais usados para fabricação de arcos nós tiramos da natureza.

Derrubamos a madeira *arawa* e depois dividimos bem no meio.

Desta madeira tiramos o arco.

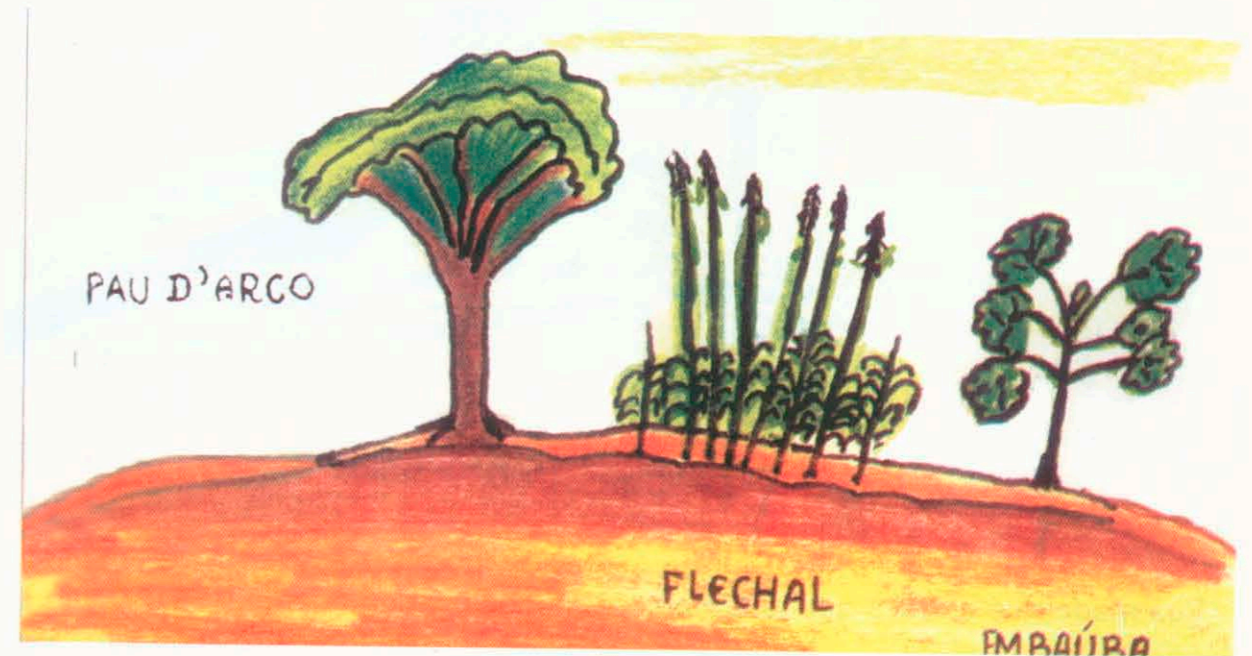
A flecha nós fazemos de uma planta chamada *flechal*.

Primeiro fazemos a limpeza da planta e depois fabricamos a flecha para nosso uso.

A fibra de imbaúba serve para fazer a corda que fica nas pontas do arco.

A imbaúba serve também para fazer corda de redes.

Além de servir para pescar, também utilizamos o arco e a flecha para caçar.



CONSTRUÇÃO DE CASA

(*netap aḡkukaḡ*)

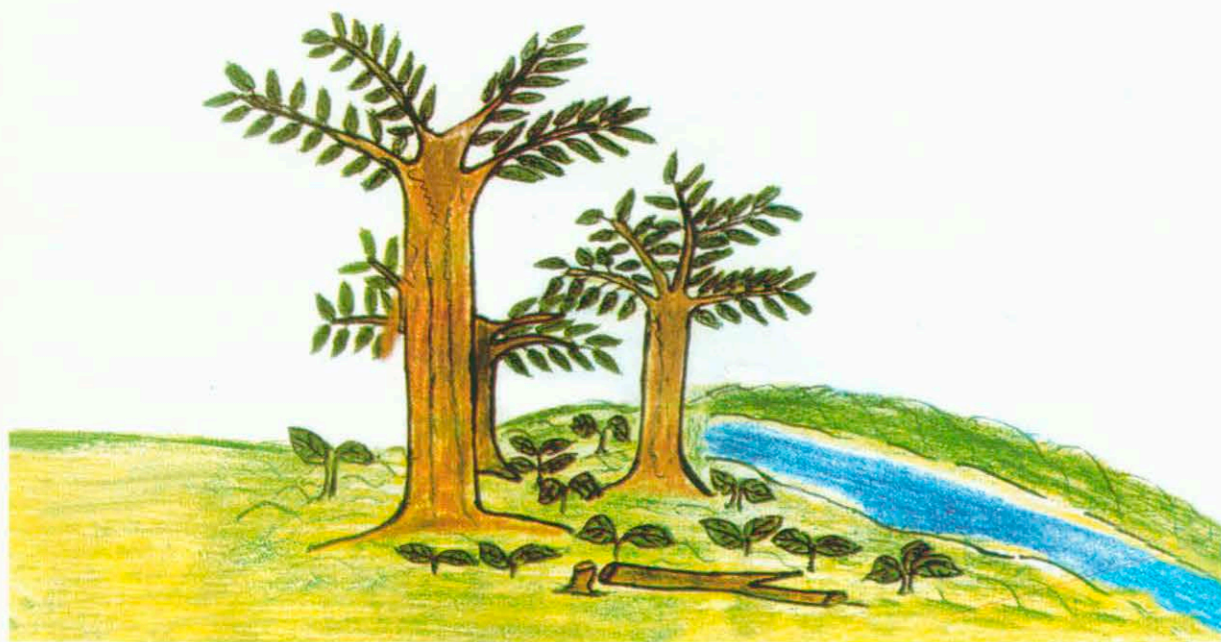
Aqui no rio Marau, para a construção de casas, nós Satere-Mawe, tomamos as seguintes providências:

Primeiro preparamos o terreno onde vai ser construída a casa.

Depois tiramos as madeiras da mata para construir a casa.

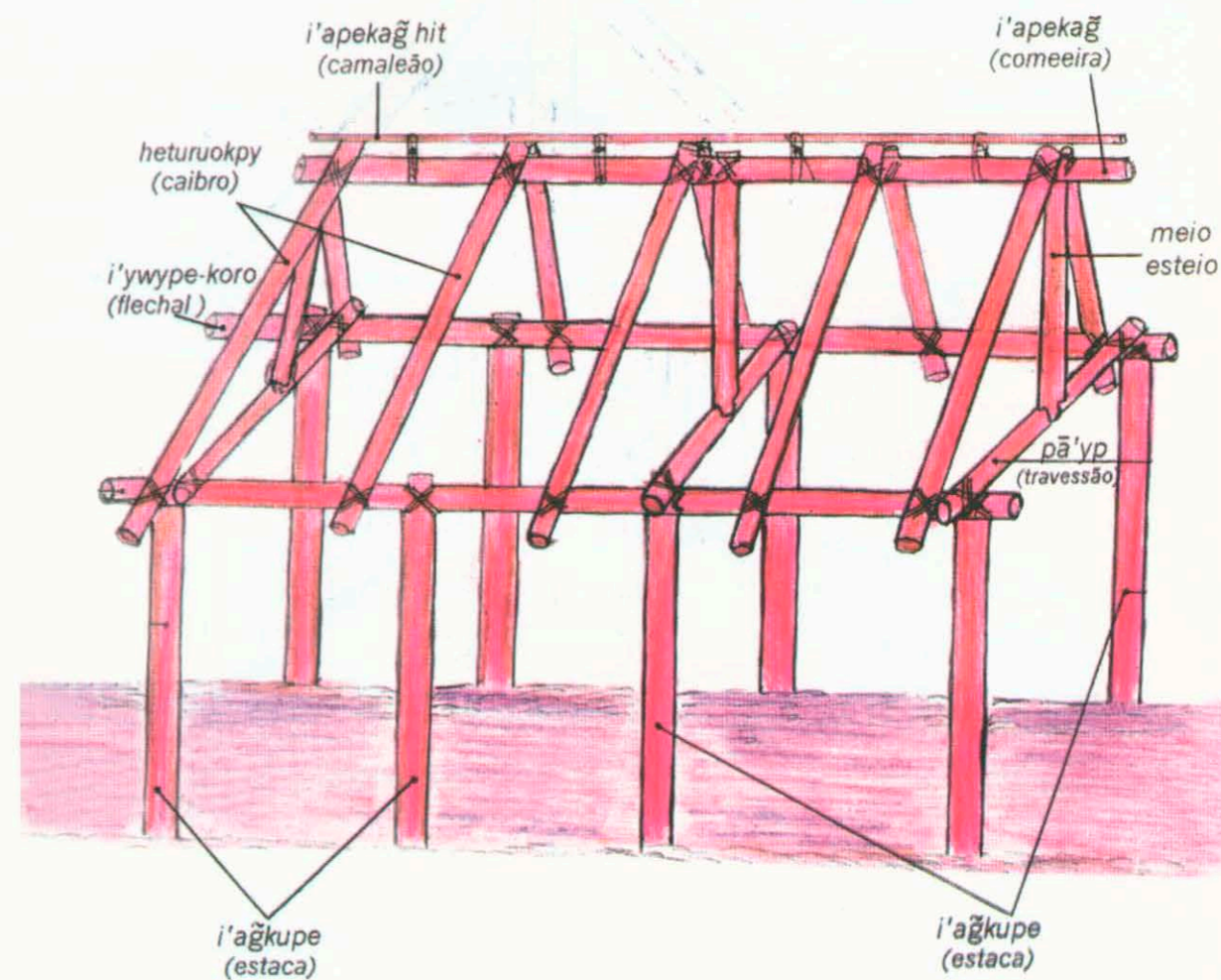
Então tiramos 6 *i'aḡkupe* (estacas) que devem ser da madeira de acariúba; depois tiramos 2 esteios que podem ser de acariúba ou de pau-ferro (âmago da madeira): 2 *pā'yp* (travessões) de madeira lacre; 2 *i'ywype-koro* (flechal) e 1 *i'apekaḡ* (comeeira) de qualquer pau envira tirado do mato; depois tiramos 60 *heturuokpy* (caibros) de madeira lacre, que é madeira de capoeira.

Uma casa para ser bem segura deve ser armada de madeira acariúba ou de pau-ferro.

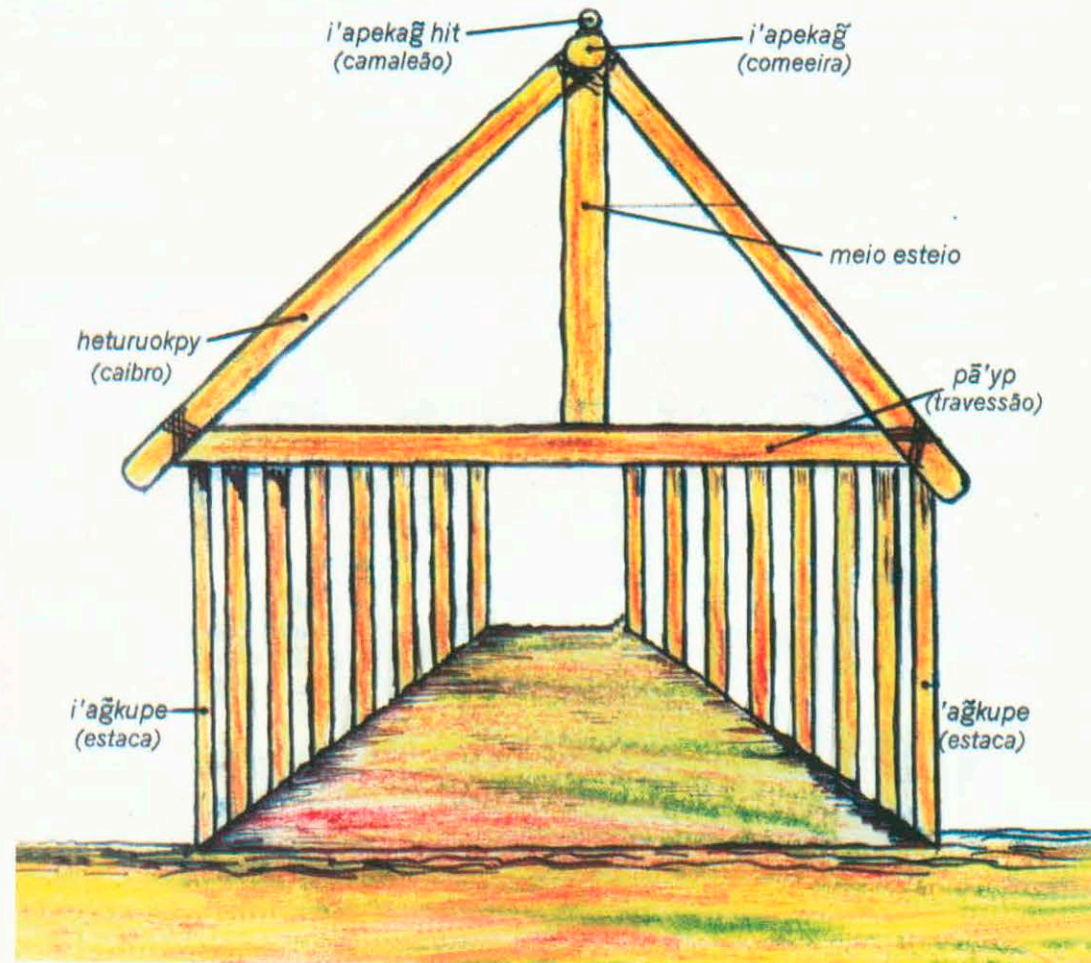


A árvore de pau-ferro é muito utilizada para construção de casa. Sua madeira é a única que tem mais resistência do que qualquer outra. Não se sabe o tempo que ela pode perdurar.

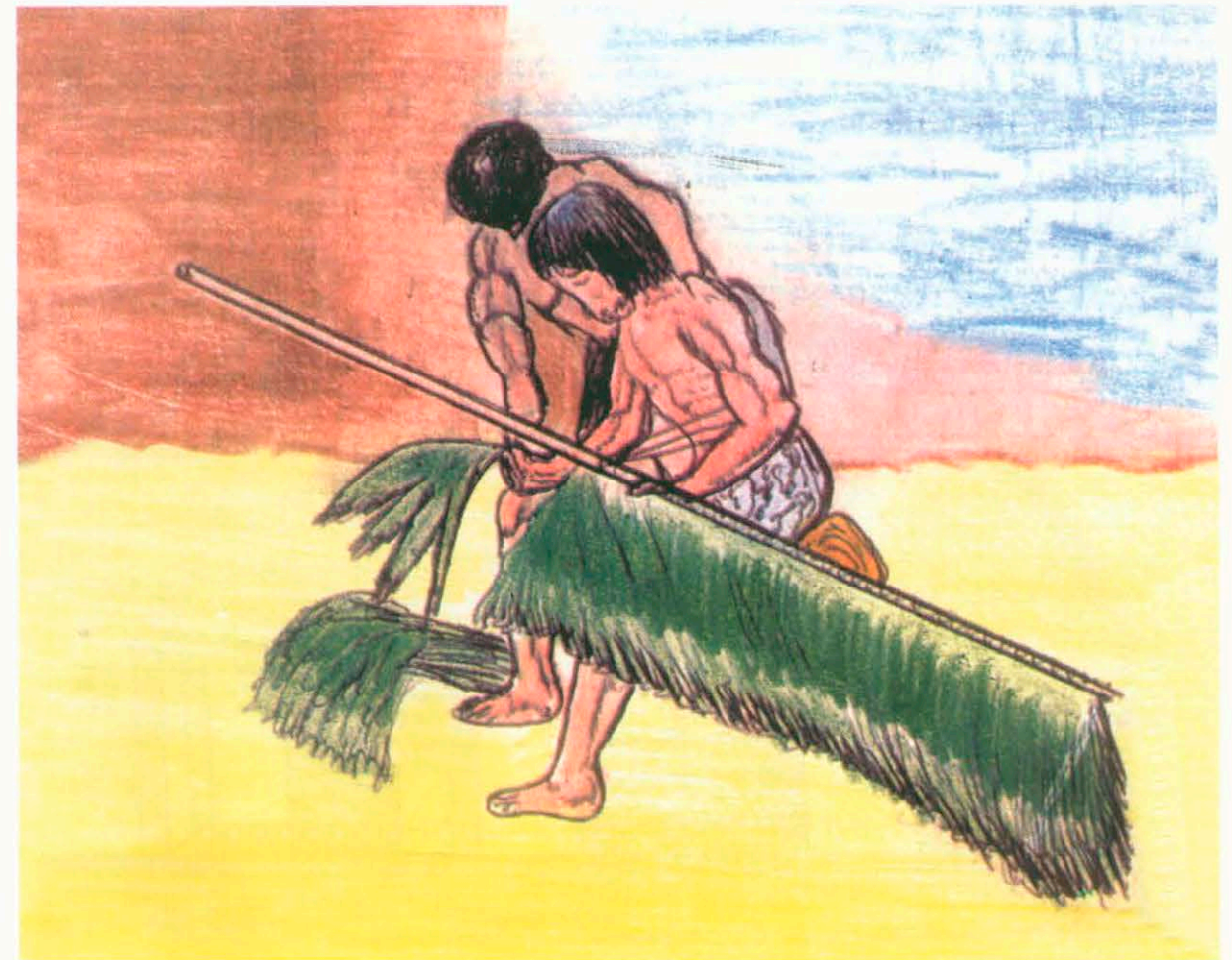
Para amarrar as *i'aḡkupe*, *pā'yp*, *i'ywype-koro*, *i'apekaḡ*, *heturuokpy*, *i'apekaḡ hit*, os esteios e o tipo de palha que vai ser usada para cobrir a casa, usamos o cipó titica, também encontrado nas matas.



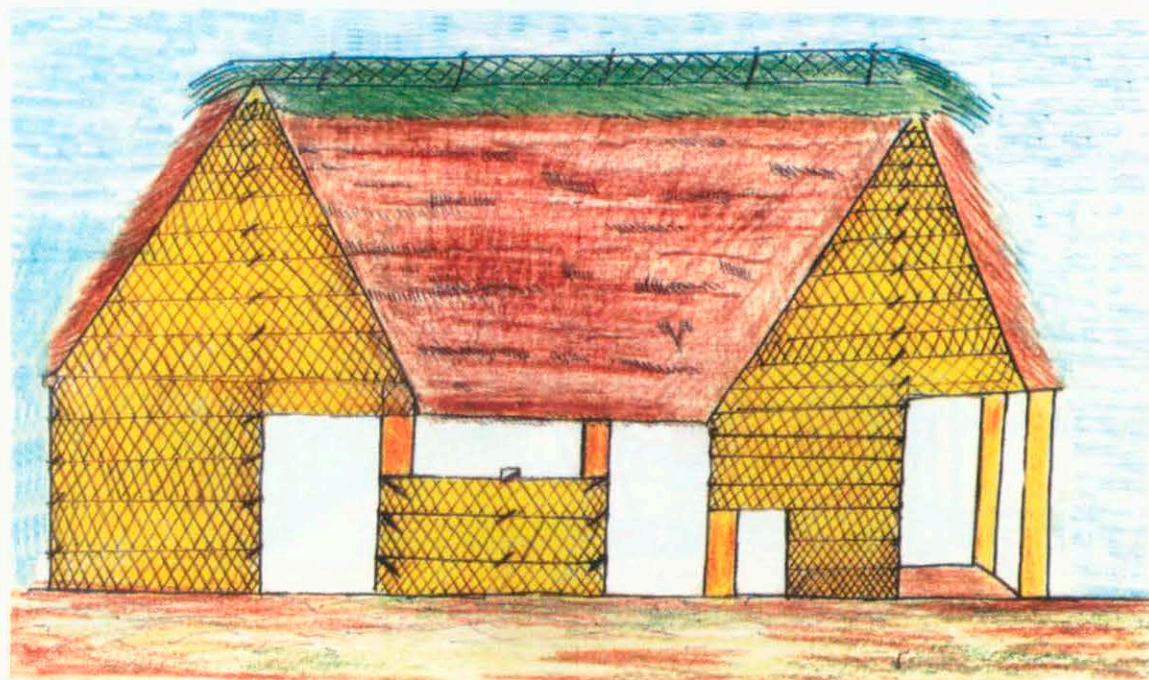
Depois de armada é preciso tirar as ripas para embarrear a casa.



Uma casa pode ser coberta de palha ou caranã, que são espécies de palmeiras encontradas nas nossas matas. Para tecer o caranã utilizamos a tala de inajá. Conforme o tamanho de uma casa, ela pode pegar aproximadamente 300 panos de caranã só para abrir e poder cobrir a casa; em cada lado, 150 panos de caranã. Cada pano tem mais ou menos 2 metros de comprimento de tala.

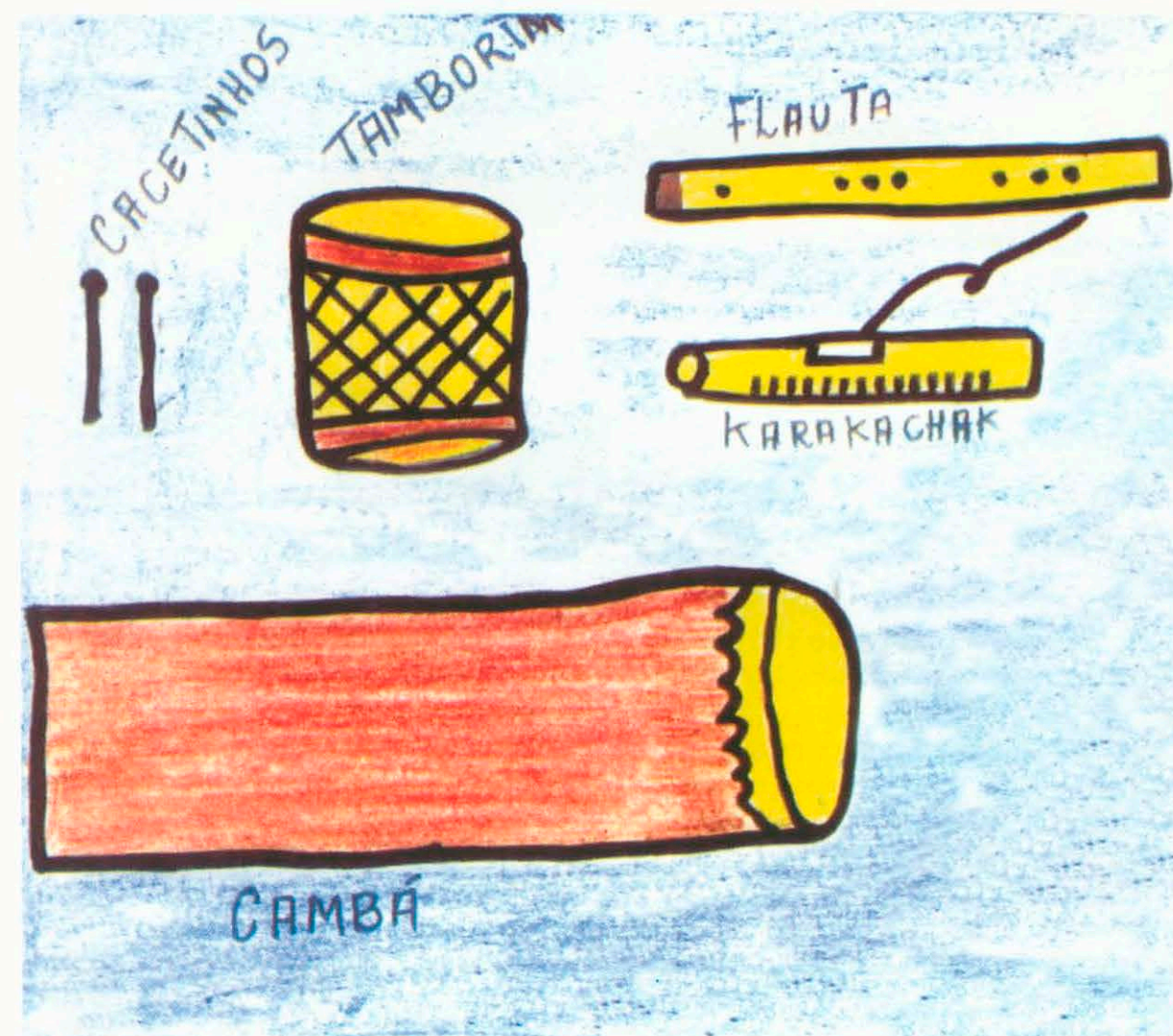


O comprimento de uma casa
é de 6 metros e a largura é de 4 metros.
Para armar uma casa, é preciso de três a quatro dias,
dependendo do seu tamanho,
que geralmente só são dois cômodos,
quarto e cozinha.
Uma casa pode ser cercada de palha, de barro ou de tábuas.



INSTRUMENTOS MÚSICAIS

(*wep̄ hap ko'i etiat*)



Os materiais usados por nós como instrumentos musicais são:
O *cambá*, que possui 1,5m de comprimento, é feito da madeira
de copiúba e coberto com o couro grosso de veado vermelho.
O *tamborim*, é feito da madeira de louro e é coberto com couro
de cutia, caititu, maracajá ou veado roxo.

A flauta é feita de bambu e é também chamada de *a kuara*.

O *karakachak* é feito também de bambu.

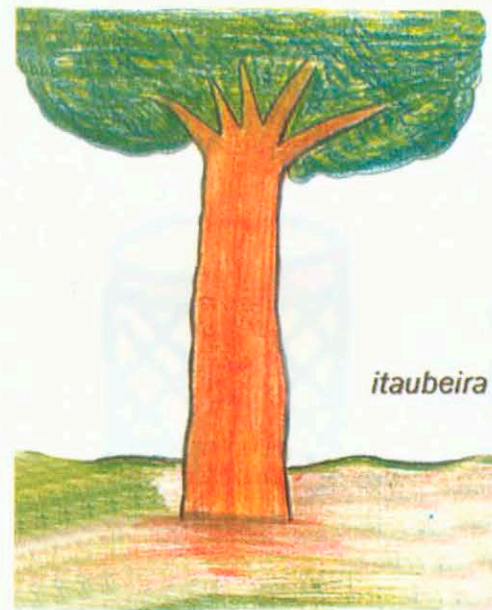
Os *cacetinhos* são feitos da madeira de itaúba. Eles servem para
batucar no *tamborim*.

Esses instrumentos musicais nós utilizamos durante os festejos
em nossa aldeia.

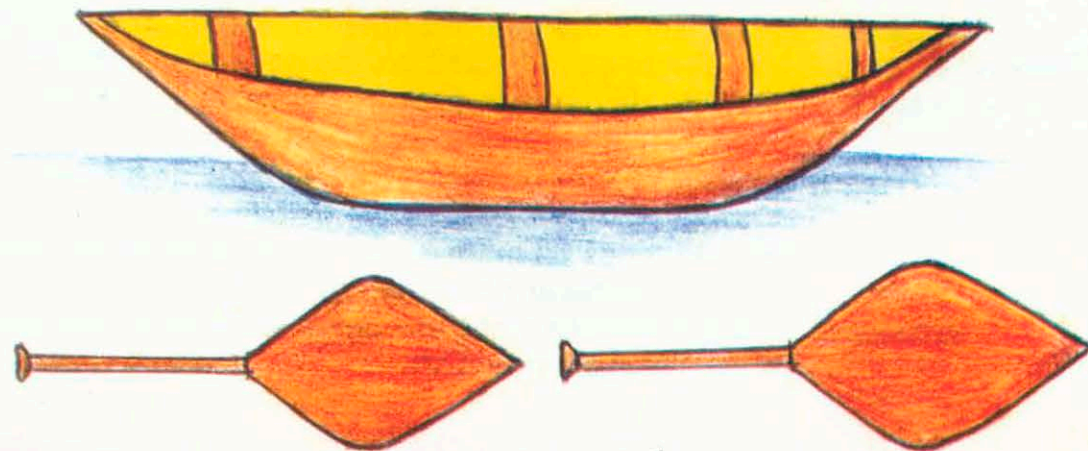
CONSTRUÇÃO DE CASCO

(*yara*)

A construção de casco é feita de madeira itaubeira. A itaubeira é encontrada na mata de terra firme. Primeiro é preciso derrubar a madeira e depois cortar o tronco. O tronco é partido bem ao meio com o *ywyhap* (machado).



Espichar a linha para ver o centro da madeira é a primeira coisa que se faz. É preciso marcar tudo, de ponta a ponta, para ficar bem alinhado. Para construção do casco usamos as seguintes ferramentas: *ywyhap*, *kyse'yp* (terçado), ençó e linha para demarcar o casco. Para aprontar o casco temos que primeiro cavar a parte de dentro. Depois fazer o fogo no chão no tamanho de seu comprimento. Emborcar a parte cavada do casco para baixo, de frente para o fogo, para poder esquentar bem. Depois de algumas horas, quando o casco estiver bem quente, tornar a desemborcar, e colocar as tesouras nas suas bordas para ele se abrir naturalmente e podermos dar a largura que queremos. Para fazer *yara* (cascos) e *apukuíta* (remos), temos que ter materiais apropriados.



Depois de pronto, o casco vai servir para nos transportar, transportar nossos produtos, caçar e pescar.

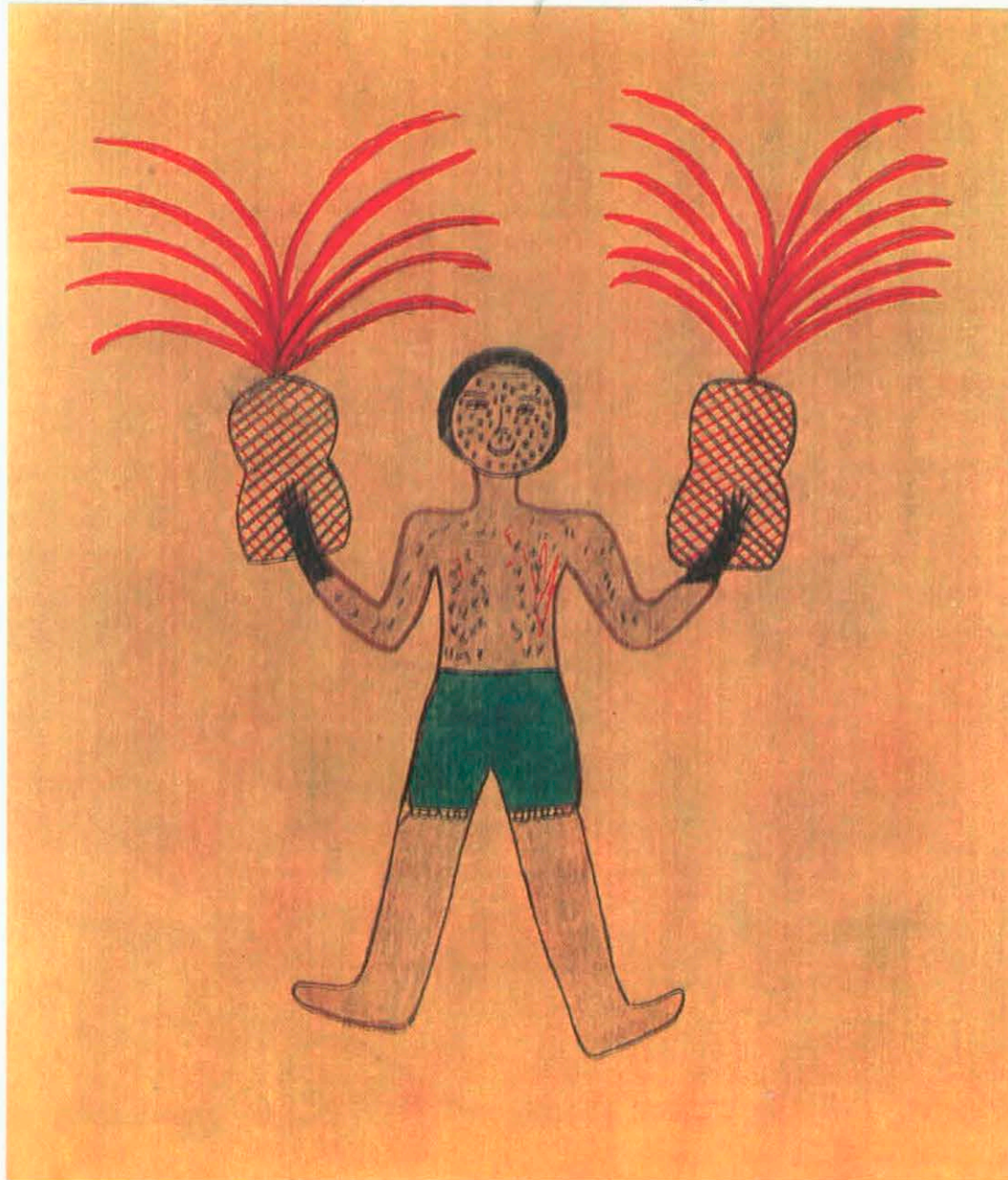


LUVAS DE TUCANDEIRA

As luvas de tucandeira são peças sagradas preparadas para ser usadas durante a cerimônia do ritual da *Tucandeira*.

São tecidas com palha de caranã e enfeitadas com penas de arara e gavião real.

A peça que fica dentro da luva, onde as formigas, são presas pelo abdômen, é trançada com palha de tucumã. As formigas são presas de modo que o ferrão fique para a parte interna da luva, onde o jovem índio Sateré-Mawé, vai colocar a mão, quando quer se tornar bom pescador, bom caçador, ter sorte na vida, no trabalho, na lavoura e ser bom guerreiro.



A maioria dos utensílios, objetos e instrumentos que nós preparamos são fabricados com produtos que tiramos da própria natureza.



Assim é que construímos nossas casas, nossos cascos, nossas armas, objetos sagrados, instrumentos, os nossos pertences. É assim que sabemos demonstrar nossa cultura, nossa arte.

ILUSTRADORES SATERÉ-MAWÉ

- Pág. 07 - Sidney Michiles
- Euro Alves
- Lourenço dos Santos
- Tiba Soares Santana
- Pág. 08 - Edmilson da Silva Pereira
- Pág. 09 - Sidney Michiles
- Pág. 10 - Inácio Cristino da Silva
- Sidney Michiles
- Tiba Soares Santana
- Pág. 11 - Sidney Michiles
- Cristina Santos de Souza
- Pág. 12 - Maurício Oliveira
- Cristina Santos de Souza
- Pág. 13 - Maurício Oliveira
- Pág. 14 - Henrique Pereira
- Edson dos Santos Oliveira
- Pág. 15/16/17 - Sidney Michiles
- Pág. 18 - Silas Conceição Pereira
- Pág. 19/20 - Sidney Michiles
- Pág. 20/21 - Silas Conceição Pereira
- Pág. 22 - Sidney Michiles
- Pág. 23 - Marineles Romoaldo de Oliveira
- Pág. 24 - Ruel de Oliveira
- Pág. 25 - Emílio da Silva
- Adenise Oliveira Batista
- Pág. 26 - Euro Alves
- Pág. 27/28 - Emílio da Silva
- Pág. 29 - Inácio Cristino da Silva
- Pág. 30 - Emílio da Silva
- Pág. 31 - Gelson da Silva Oliveira
- Pág. 32 - Lourenço dos Santos
- Raimundo dos Santos
- Pág. 33 - Aristides Michiles
- Pág. 34 - Helen Maria da Costa Albuquerque
- Pág. 35 - Raimundo dos Santos